



ALGUNS MODISMOS DA LINGUAGEM POPULAR DE MINAS E DO RIO GRANDE DO SUL

Francisco Fernandes

A existência de um *dialeto brasileiro* é assunto que tem apaixonado grande número de filósofos patricios e lusos. Estes, a cuja frente se encontra o nome abalizado de Leite de Vasconcelos, considerado autoridade suprema em assuntos lingüísticos, pensam que a só existência de pequenas divergências lexicológicas ou sintáticas basta a caracterizar um dialeto. Entre os brasileiros dividem-se as opiniões: há uma corrente que acredita na existência do dialeto, e a ela pertence Antenor Nascentes; e outra, entre cujos militantes se conta Cândido Jucá-Filho, que pensa de modo inteiramente diverso.

"Um dialeto" — diz Jucá — "não é uma língua mal falada: são novas tendências que vêm afirmar um aspecto novo, numa variação lingüística. O estroplamento das línguas é fato universal, mas que tende a diminuir com a educação e a instrução". (C. Jucá Filho, *Língua Nacional*, 13).

Quando, lá pelo século VIII, o latim falado na Península Ibérica entrou a fracionar-se e deturpar-se em razão da multiplicidade de raças que a habitavam, verificou-se a formação de vários grupos étnicos, cada qual com seu linguajar próprio, do que veio a originar-se o português, o francês, o provençal, o espanhol, o italiano e o romeno. A cada uma dessas ramificações da língua latina, sim, cabe perfeitamente o nome de *dialeto*, porque as divergências lingüísticas que caracterizavam esses grupos eram tais, que eles já não se entendiam entre si.

Ora, é fato incontestável que a língua culta do Brasil — principalmente quando escrita — é a *mesmíssima de Portugal*, salvo pequenas particularidades sintáticas. Vale dizer: as diferenças que se ve-

rificam entre o falar brasileiro e o português repousam na falta de instrução, e, pois, tendem a desaparecer à proporção que for subindo o nível cultural de nossa gente.

Assim, parece que se deve pôr de lado, definitivamente, esse epíteto *dialeto brasileiro*, com que se pretende designar o idioma que falamos. Nem se diga que devemos, para tanto, aguardar esse nivelamento cultural a que há pouco me referi:

"Deve entender-se" — ensina Leite de Vasconcelos — "que em todas as nações onde se cultivam as letras, as pessoas cultas podem servir-se de expressões, distinguir sons, e usar vocabúlos, diversos dos das pessoas incultas". (L. de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, 12).

Vem, ainda, a propósito citar aqui alguns dos conceitos recentemente emitidos por Celso Vieira, ao desfazer, na Academia Brasileira de Letras, o mito da chamada *língua brasileira*. Diz ele:

"Transplantada para o Brasil não se ramificou a língua portuguesa em dialetos, não se corrompeu senão entre os incultos; e, onde funcionam aulas de gramática, neste país, nunca divergiu a sintaxe em que se relacionam e se coordenam os vocabúlos na formação das sentenças. Defeitos de linguajar plobou, diversidade dos timbres vocálicos, alteração de fonemas, descolocação de pronomes, erros gramaticais da gente analfabeta ou dos maus escritores, cujos livros são quase sempre os mais circulantes, não autorizam no Brasil o reconhecimento de um dialeto luso-americano, um grosseiro dialeto no qual se abastardasse a língua portuguesa". (*Jornal do Comércio*, edição de 31 de agosto de 1946).

Essas considerações me ocorreram quando, ao coordenar estas linhas, em que procurarei demonstrar certos modos peculiares ao falar do gaúcho e ao do mineiro, vacilei sobre se devia, seguindo a Rodolfo Garcia e outros menores, escrever, aqui, *dialeto mineiro e dialeto gaúcho*. Antenor Nascentes admite a existência de cinco subdialeto entre nós: o *nortista* (Amazonas e Pará); o *nordestino* (litoral dos Estados desde o Maranhão até à Bahia); o *fluminense* (Espírito Santo, Rio de Janeiro, sul de Minas, Zona da Mata e Distrito Federal); o *sertanejo* (Mato Grosso, Goiás e norte de Minas); o *sulista* (Triângulo Mineiro, S. Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Para Rodolfo Garcia, o Brasil encerra cinco zonas lexicográficas até certo ponto homogêneas: 1.ª — *Norte*: Amazonas, Pará, Maranhão; 2.ª — *Norte-oriental*: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas; 3.ª — *Central-marítima*: Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro; 4.ª — *Meridional*: São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul; 5.ª — *Altiplano-central*: Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso.

Denominaremos *dialeto*, *co-dialeto* ou *subdialeto*, ao modo de falar, ligeiramente modificado, de cada uma dessas regiões? Ou devemos admitir, com Celso Vieira e Cândido Juca Filho, que, com o expandir-se da instrução em nosso país, essas divergências venham a desaparecer, resultando desse fato uma língua única, uniforme? Deixemos a resposta aos doutos, e continuemos.

É quase ocioso dizer que estas linhas não têm pretensão a estudo lingüístico: elas não passam de meros apontamentos ligeiros, produto de observações feitas aqui e ali, sem método nem orientação pré-estabelecida. Acresce ainda que, se conheço bem o Estado de Minas — do qual sou filho e onde convivi largo tempo com o povo do interior, passando ultimamente a residir na Capital —, outro tanto não posso, infelizmente, dizer com respeito ao Rio Grande do Sul, do qual, por assim dizer, conheço apenas Porto Alegre. E estudos desta natureza só se fazem, conscienciosamente, ouvindo, sentindo, penetrando a fala viva do povo, como fazia o grande Camilo em suas cansadas peregrinações pelas terras de Portugal, como fez Amadeu Amaral e Valdomiro Silveira, como tem feito Cornélio Pires e tantos outros patriotas nossos.

Ao primeiro contato com o rio-grandense do sul, o mineiro percebe dois fatos que para logo o impressionam: a mu-

sicalidade da frase e a propriedade do vocabulário. A conversa mineira é, em geral, vagarosa, sossegada, monótona, sem modulações. A frase gaúcha é mais viva, apresenta variedade de inflexões; é cantada. Entretanto, uma senhora porto-alegrense de nossas relações, certa ocasião em que palestrávamos depois de ouvir com religiosa atenção o que eu dizia, exclamou: "Mas como canta essa gente de Minas!"

Qualquer gaúcho, mesmo inculto, emprega as palavras com muita propriedade. Difícilmente se lhe ouvirá *espiar por olhar, fazer de conta por fingir, jogar por atirar, falar por dizer*, etc.; e jamais omite o pronomo obliquo dos verbos reflexivos, apesar de as mais das vezes colocá-lo fora do lugar...

Com o decorrer do tempo, começam a deparar-se ao observador, mais pronunciadas, as divergências que estremam o falar das duas regiões — divergências que se manifestam no vocabulário, na fonologia, na semântica e na sintaxe.

Vocabulário. Nem sempre mineiro e gaúcho se servem das mesmas palavras para designar certas coisas. Raramente um sulino ouvirá, em Minas, falar em *carpins, pelúcia, casaco*; porque lá se diz *meias* (quer para homens, quer para senhoras), *flaneta* (pelúcia, lá, é outra espécie de tecido), *paletó*. Nos restaurantes não se pede *massa*, e sim *macarrão*. E se o freguês deseja um prato de *mocotó* à maneira do Rio Grande, peça *do-bradinho*; porque se disser *mocotó*, o garçon lhe trará um apetitoso prato de *pé de porco*, guisado geralmente com boa couve... Aqui, um *guri* pede uma *rapadurinha-de-leite*, uma *rapadurinha-de-amendoim*, uma *bergamota*; lá, um menino pede um *doce-de-leite*, um *pé-de-moleque*, uma *mezerica*. O mineiro, se tem de mandar reconhecer uma firma, anda três *quarteirões*, sobe a rua, e pergunta pelo *tabelião*; o gaúcho percorre três *quadras*, sobe a *ladeira* e dirige-se ao *notário*. Em Porto Alegre, quem quer saborear uma boa *massinha* ou um *pão-d'água*, tem de entrar na *bicha*; em Belo Horizonte a pessoa que apetece um *pão-doce* ou um *pão-de-sal*, entra na *fila*. Açúcar de *múscos* e *mosquito*, lavra grande confusão entre nós. O gaúcho denomina *múscos* ao inseto que nós chamamos de *mosquito*; *mosquito*, ao que nós conhecemos por *pernilongo*; e *varejeira*, ao que em Minas se chama vulgarmente *múscos*... O homem do povo, nas Alterosas, se duvida da eficácia de um remédio ou do caráter de uma pessoa, diz: "Não tenho fé nisso" — "Nunca tive fé nesse sujeito". A expressão mineira *ter fé*, no sentido de *deposi-*

tar confiança, confiar, fiar-se, preferer-se aqui o verbo acreditar: "Vou de trem; não acredito em avião". "Não acredito muito na água do hotel... Adotol o regime da mineral e da cerveja." (Viana Moog, *Um Rio Imita o Reno*, 40).

Fonologia. No domínio da fonologia é bastante apreciável a diferença que se nota entre um e o outro Estado, mesmo nas classes cultas. O mineiro observa naturalmente o valor quantitativo e qualitativo das vogais, pronunciando as palavras de maneira que se distinguem claramente as sílabas tônicas e átonas, os monossílabos fortes e fracos. Pronunciamos, por exemplo, *bórracha, saúdade, cór de rósa*, no passo que os portolegenses dizem *bórracha, saúdád cór de rósa*, de tal maneira que, relativamente à tonicidade, se confundem a primeira e a segunda sílaba de *bórracha*, a segunda e a terceira de *saúdade*, e a primeira, a segunda e a terceira da expressão *cór de rósa*.

Vejamus, um pouco mais minuciosamente, o que se passa com algumas vogais e certos grupos vocálicos.

A. É interessante observar o modo como algumas pessoas pronunciam aqui o *a* da adversativa *mas*, dando-lhe som fechado, estranho ao falar brasileiro e sómente audível em Portugal — *más*, ou nasalando-a, o que não é menos frequente — *más*. Em Minas, os letrados pronunciam *mas*, quase como o adjetivo *mais*, porém com prolação mais rápida: *isso é resultado das más companhias* — "Vou, *mas* volto logo". Nas classes menos cultas, e mesmo na linguagem descuidada dos eruditos o que se ouve é *mais*.

E. Nossa divergência com os sulistas, no tocante à segunda vogal do alfabeto, começa pelo nome dela: dizemos *é*, aberto, como em *José, rapé*, no passo que os gaúchos pronunciam *é*, fechado, como em *cateré, vocé*. Passa o mesmo com essa letra quando em função conjuntiva. Os mineiros dizemos: "A conjunção *e* é uma coordenativa"; e os gaúchos: "A conjunção *e* é uma coordenativa".

Quando átono inicial, soa em Minas, aproximadamente como *i*: estrada (*istrada*), espírito (*ispirito*), explicação (*impliação*), epidemia (*ipidímia*). Mesmo nasalado conserva esse som em alguns vocábulos: empregada (*impregada*), entrada (*intrada*), encabular (*incabular*). Mas nos termos eruditos ou técnicos observa-se o devido valor fônico: egrégio (*égrégio*), epigrama (*épirgrama*), enseada (*énsedda*), eclipse (*éclipse*).

Atono final, altera-se em *i*, e soa quase imperceptivelmente, entre os mineiros: aquêle (*aquéli*), ponte (*pónti*), vontade

(*vontádi*), Adelaide (*Adeláidi*); no sul tem som fechado e, quantitativamente, quase se confunde com a tônica: *pónté, vontáde*.

A esse respeito escreve o professor mineiro C. Batista de Castro:

"Em relação às vogais *e* e *o*, verificam-se vícios de pronúncia, que cumpre reprimir. Assim, na prolação do *e* notase o som fechado (Estados do sul) ou aberto (Estados do norte), que se lhe empresta nas sílabas finais não acentuadas, e em monossílabos átonos: *dissé, grândé, aconselhé, é* (conjunção), *dé* (preposição), *mé, té, sé, lhé, lhés, conto dé réis, dé manhã, dé tarde*, em vez do timbre reduzido quase igual a *i*. Ninguém ignora que se muda o timbre do *e* e do *o* finais, quando átonos, passando aquêle a *i*, e éste a *u*. É certo não possuímos para todo o Brasil padrão uniforme; mas, como aconselha Gonçalves Viana, há um "padrão médio", dado pela fala dos melos cultos. Ora, esta, positivamente, não perfilha a prolação — *gigânté, vibrânté* e quejandas, encontradiças quase só em nossas fronteiras, e oriundas, ali, da influência castelhana, onde o *e* átono não adquire nunca o valor de *i*. A luz da fonética, não passa semelhante dição de um castelhanismo, isto é, de vício que convém fugir." (C. Batista de Castro, *Correcção e Estética na Leitura Oral*, págs. 20/21).

O. Nas sílabas finais átonas, ou quando artigo ou pronome, soa *u* no falar mineiro; livro, belo, andando, o soldado, os autos, os Estados Unidos do Brasil (*Uvru, béu, andádu, u soldádu, os áutus, us Istádu Unidus da Brasil*), ao passo que no sul tem som fechado (*livré, bófé, andándó, ós áutós*, etc.).

EA. Nas formas arrizotônicas dos verbos em *ear* quase sempre reduzimos o timbre do *e*: passear (*passiar*), veranear (*veranar*), voltar (*voltiar*), clareado (*clariado*); aqui se pronuncia *passár, veranáar, passádo, voltéando, ve ranéu*.

IE. No final de vocábulos, o *e* se profere levemente, como *i*: espécie (*ispéci*), imundície, (*imundici*), cárie (*cárii*). Creio que os gaúchos dão a esse e som fechado: *espécié, imundicié, carié*.

IO. Neste grupo reside uma das maiores diferenciações entre a prosódia das duas regiões. A pronúncia mineira revela nitidamente o hiato, ao passo que no sul há franca ditongação. Lá dizemos — *tíu, ríu, estíu, fastíu* (tio, rio, estio, fastio), como aqui se profere o verbo *rir* na primeira pessoa do singular no presente do indicativo: *eu me rio*. Os gaúchos pronunciam *tíu, ríu, estíu, fastíu, esguíu*, como a rimar com *tíu, sorríu, partíu*.

Semântica. Grande número de palavras há que não apresentam aqui a mesma significação que em Minas. Algumas existem que, embora conservando acepções comuns às duas regiões, apresentam, em cada um dos dois Estados, significado especial.

Apurar. Em Minas emprega-se geralmente na acepção de *operfeccionar; corrigir, aclarar, acriguar; ajustar* (dinheiro), etc.; no sul, além destes significados, apresenta principalmente o de *aprestar-se*: "Apura, senão, chegas atrasado".

Parar. Além das múltiplas acepções atribuídas a este verbo, dão-lhe no Rio Grande uma inteiramente desconhecida aos mineiros: a de *estar hospedado*. Quando, há cerca de quatro anos, vim pela primeira vez a Porto Alegre, ao me perguntarem, na Livraria do Globo, "onde é que eu estava parando", confesso que não tive a mínima idéia do que é que desejavam saber.

Vianda. Este vocábulo, de pouco emprego em Minas, na linguagem corrente, tem ali as acepções comumente registradas nos dicionários: *alimento, quarto; carne alimentar*, etc. Aqui, usa-se frequentemente com o significado de *marmitta*, desconhecido nas Alterosas. Em Porto Alegre há muitas famílias que comem de *vianda*; em Belo Horizonte pouca gente come de marmitta.

Taça. A significação de *zicara grande de café com leite*, dada a esta palavra e corrente na linguagem local, é desconhecida no norte. Em meu Estado, pede-se uma *taça de sorvete*, toma-se uma *taça de champagne*; mas pede-se uma *média de café com leite*, e, às vezes, diz-se simplesmente *média*. Em Belo Horizonte, quando o freguês pede *café com leite, pão e manteiga*, o garçon grita para dentro — "Média, pão e manteiga!", do mesmo modo que o *çaqui*, em sua gíria pitoresca brada: "Taça, pão e mantal".

Cuidar. Tem aqui uma acepção curiosa, que o mineiro desconhece: *vigiar, observar*: "De hoje em diante eu vou te cuidar". Como pronominal, significa *precaucelar-se, acasufelar-se*.

Querido. As acepções comuns, reñe a de *bonito, gracioso, simpão*. E' comam ouvir-se aqui: "Que criança mais querida!" Não faz muito tempo, uma graciosa menina de cinco anos, minha vizinha, ao mostrar-me uma bela cadellinha negra, peluda, que lhe haviam dado, dizia-me: "Olha, olha só que coisinha mais querida!"

Enfezar. Na linguagem familiar e popular dos mineiros, tem a significação de *irritar, encolerizar*: "Não me enfeze, que eu hoje não estou bom!" No Rio

Grande do Sul tem um significado que o norte desconhece — o de brincar no carnaval como se vê na seguinte passagem de *Érico Veríssimo (Um Lugar ao Sol, 127)*: "Um dos rapazes estandardizados que estava às suas costas voltou-se para Clarissa: — Clarissa! — exclamou bem alto. Vamos enfezar neste carnaval!" Vasco ficou muito vermelho. Voltou a cabeça e disse: — Enfeze com a sua avó."

Dar. Este é um verbo que presta ao gaúcho os mais inestimáveis serviços. E' pau de toda obra. No elevador lotado: — "Não dá p'ra mais um?" À porta do cinema: — "Que achas do filme?" — "Dá p'ra se ver" ou — "Dá p'ra rir." Ao findar um pé-d'água: — "A chuva está abrandando; dá para se ir!" Na loja: — "Só levo se fizer um abatimento razoável." — "Não dá, freguesa; isso é artigo estrangeiro." O lavador de casas: — "Vamos lavar a casa hoje freguesa?" — "Não; o tempo está muito brusco, não dá."

Sintaxe. As particularidades sintáticas que distinguem o falar dos dois Estados só se manifestam na linguagem falada das camadas populares, e, em certos casos, na conversa familiar ou desprevenida das pessoas cultas. Assinalemos alguns desses provincialismos.

Tu e você. Aqui, como no Rio de Janeiro, o tratamento dado à segunda pessoa do singular é *tu; você*, a não ser no plural ou entre pessoas que ainda não se tratam com intimidade, raramente se ouve. As próprias crianças tutelam os pais, o que deveria soar como um crime de lesa-respeitabilidade aos ouvidos austeros das famílias mineiras, principalmente do interior onde o tratamento obrigatório é o *senhor, a senhora*: "Vovó, não gosto de ouvir o *senhora* falar assim, porque sei que a *senhora* pensa que eu tenho inveja." (Helena Morley, *Minhas Vidas de Menina*, 164).

Em Minas, o tratamento íntimo é *você; tu* é ali um pronome sem préstito. Ninguém o emprega, a não ser em ralhos, zangas, ou em frases que exprimem ameaça, e quase sempre com infração das leis do flexionismo: "Deixa estar, que *tu* me paga!"

O uso de cada um desses pronomes acarreta fenômenos interessantes, tanto lá como aqui.

O *você* dos mineiros origina uma tremenda balbúrdia, até mesmo entre pessoas de relativa cultura, no que respeita à concordância verbal e aos pronomes oblíquos correspondentes. *Lae* e *o* de raro em raro se empregam: *cão*, via de regra, substituídos por *te*, como teremos oportunidade de observar: "Você está

aqui mas é de médo que sua gente te veja." (Guilhermino César, *Sul*, 112). "Isto é p'ra te tirar da charola das negrinhas. Já te disse que você não é menina para brincar com elas. E sua mãe não se importa, mas eu não consinto". (Helena Morley, *ob. cit.*, 107). "Você vai ver o que te acontece." (Idem, *ibidem*, 117). "Você está guardado! A primeira vez que me fizer qualquer coisa eu te lavro de chicote! E não é dizer nada a tia Clarinha, senão você me paga!" (Idem, *ibidem*, 178).

Algumas vezes modifica-se em *ocê*: "Ocê estando aqui, Bilino, já não é tão triste." (Clemente Luz, *Bilino e Jaca*, 15). Outras, reduz-se a *cê*: "Cê precisa mudar de vida, isso assim não vai."

Mas o tutear do Rio Grande tem, também, seus inconvenientes. O vulgo costuma errar na desinência verbal, notadamente no perfeito do indicativo, do que resultam frases assim: "Não te vi ontem à noite; fostes ao cinema?" Ou como estoura, que Érico Veríssimo põe na boca de um pequeno jornalista: "Tu é trouxa. Por que não meteu a mão só-lé?" (E. Veríssimo, *O Resto é Silêncio*, 251).

Verbos pronominais. O mineiro é infenso ao emprêgo de pronomes reflexivos. Fora os melos cultos, ninguém diz: "Dei-te-me cedo e levantei-me às nove horas." "Ele arrependeu-se do que fez." O que se houve é: "Deitei cedo e levantei tarde" "Ele arrependeu do que fez."

Aqui não se decepa as enclíticas aos verbos pronominais, nem mesmo entre a gente inculta, o que dá ensejo a construções pitorescas: "Nós se levantemos de manhãzinha", "Não tivemos tempo de se apachar."

Lembra-me, a propósito, um fato que presenciei certa vez num dos subúrbios de Pôrto Alegre. Uma senhora gorda, que ia tomar o bonde, receando perdê-lo, pôs a correr pesadamente, com visível sacrifício. O condutor percebeu, e tranquilizou-a bondosamente: "— Não se afobete, dona que o bonde tá parado..."

Que tal? Esta locução só se usa em Minas para pedir a alguém que dê sua opinião sobre alguma coisa: "Aqui está meu novo chapéu: que tal?" No sul, além de funcionar com este significado, exprime certa fórmula de saudação ou cumprimento, equivalente a como vai? como tem passado? como vai essa bicarria? E o que nos demonstra Ivã Pedro de Martins (*Frenteira Agreste*, 144): "— Que tal, Inez, sempre linda?" Inez encolheu a cabeça e baixou os olhos, enquanto estendia o braço. "— Vou bem, e tu, Valderedo?"

Cumpra acrescentar que à pergunta

que tal? corresponde, em regra, a resposta — "Lindo!"

Posição do demonstrativo. Esta construção anômala, pôsto que muito encontrada no falar gaúcho, não me parece seja conhecida em outros Estados: o livro *esse*, o escritor *aquê*. "— Não pude ver o filme *aquê* que me recomendaste."

Foi este um dos fenômenos que primeiro me impressionaram no infelo de minha estada em Pôrto Alegre. Uma das rádio-emissoras locais realizava então uma espécie de concurso infantil de canto. E o locutor, ao pedir a uma senhorita sua opinião acerca do maior pequeno cantor da noite, teve esta resposta: "— O garí *aquê* que cantou *Granada*."

Falar. No Estado de Minas este verbo rege comumente objeto direto (mormente quando o complemento é uma oração), e vale o mesmo que dizer: "É história d'êle, eu não falei isso." Clemente Luz, um dos poucos mineiros que já se dedicaram à literatura infantil, nos dá um exemplo d'esse mineirismo: "Eu não falei, D. Neném, que os dois estavam ali?" (C. Luz, *Bilino e Jaca*, 15).

E já que falei em verbos, vale a pena mencionar a regência viciosa que se costuma dar, aqui, a verbos como *perguntar*, *dizer*, *contar*, e outros, trocando em *para*, sincopado em *p'ra*, a preposição a que deverá reger o complemento indireto: "Não venhas *dizer* isso *p'ra* mim." "Pergunta *p'ra* êle se não foi assim como estou dizendo." "Foram *contar* *para* o velho que eu tenho faltado às aulas."

Uns quantos. Esta expressão, que significa *alguns*, *vários*, *muitos*, não é familiar a meus co-estaduanos. Aqui, tenho-o ouvido frequentemente. Érico entrega em *Um Lugar ao Sol*: "— Canoas é o mesmo que Pôrto Alegre... Conheço umas quantas moças que moram aqui e dão aulas em Canoas." (*Ob. cit.*, 160).

Que nem. Como simples equivalente de *como*, tem largo uso aqui, até na linguagem de pessoas cultas: "Ele é que *nem* eu." Em Minas aparece pouco, unicamente na linguagem elevada, em frases que exprimem intensidade ou superioridade, como neste lugar de Júlia Lopes de Almeida: "A baía estava que *nem* um espelho, mais azul do que o céu." (*Histórias da Nossa Terra*, 164).

Recém. Este elemento, que figura geralmente em vocébulos formados por prefixação, tem aqui autonomia vocabular, funcionando com o sentido que lhe é próprio (*há pouco*, *recentemente*), junto de verbos: "Ele pintou a casa *recém*." Darcy Azambuja nos dá um exemplo disso: "Recém anoitecera. Pelas coxilhas corria

o vento frio de agosto." (D. Azambuja, *No Galpão*, 5).

Pronome oblíquo no início da oração. Talvez por influência do castelhano, é aqui muito maior que em Minas a tendência para iniciar frases com variações pronominais. Efectivamente, ao passo que nós nos limitamos em regra, a alguns casos de *me*: *me diga uma coisa, me dê um copo d'água*, aqui é frequentíssimo o uso de *me, nos, te, se, lhe* como primeiro elemento de uma oração: "*Me criei com poucos amigos.*" (Érico, *Um Lugar ao Sol*, 125). "*Me dê um limão.*" (Idem, *ibidem*, 143). "*Nos recebeu muito bem e disse que ia se interessar.*" (Idem, *ibidem*, 285). "*Te despacha, guri, não entope o corredor.*" (Idem, *O Resto é Silêncio*, 365). "*Nos espere um pouco aqui.*" (Dionélio Machado, *Os Ratos*, 212). "*Lhe dou mais um dia.*" (Idem, *ibidem*, 196). "*— Quem é seu pai? — Se chama Marcínio Fraga.*" (Érico, *Um Lugar ao Sol*, 229).

Negativas. Os gaúchos costumam dizer que identificam o mineiro pela prodigalidade no empregar negativas. E a verdade é que me tem acontecido, ao tratar com alguém aqui, pela primeira vez, ouvir: "*— O senhor não é daqui.*" E a meu esclarecimento de que sou mineiro: "*— Eu logo vi, por causa dos nós.*" Não quer isso dizer que os rio-grandenses fujam sistematicamente à construção com duas negativas; mas não o fazem com tanta frequência como nós outros, e, quando as empregam, quase nunca as põem nas extremidades da frase.

Aqui vão alguns exemplos em que aparece a construção popular de Minas Gerais: "*Não tem nada não*, ladrão de macaco. Esta me há de pagar." (Lindolfo Gomes, *Contos Populares*, I, 82). "*Não teel, não, senhor, quero contar uma história à senhora princesa.*" (Idem, *ibidem*, II, 32). "*Não foi pito não, mamãe, é ódio de tia Madge.*" (Helena Morley, *Minha Vida de Menina*, 319). "*— Teodoreto, vamos ao cinema? — Não vou não.*" (Guilhermino César, *Sul*, 163). "*Não foi assim não.*" (Idem, *ibidem*, 62). "*— Luciano, vem comer — Não quero agora não.*" (Idem, *ibidem*, 209). "*Não vou estudar mais não.*" (Clemente Luz, *Bifino e Juca*, 14). "*Na fazenda Alegria não tem tanta gente assim não.*" (Idem, *ibidem*, 34). "*— Mãe, a senhora acha que eu sou muito mau?*" A mãe sorriu e respondeu: "*— Não, meu filho. Não acho não.*" (Idem, *ibidem*, 61).

Agora algumas frases em que se retrata a fala popular gaúcha, nas quais provavelmente o mineiro duplicaria o *não*:

"*Não é besteira, Juca, é a verdade.*" (Érico Veríssimo, *O Resto é Silêncio*, 233). "*Não me lembro.*" (Idem, *ibidem*, 341). "*Não é nada, dizia D. Zina.*" (Idem, *Um Lugar ao Sol*, 128). "*Não houve nada. Boto a mão no fogo.*" (Idem, *ibidem*, 343). "*— Que horas são? — Não sei. Não entendo bem esse sino.*" (Viana Moog, *Um Rio (muito) Reno*, 40). "*Não tenho medo de palavras.*" Idem, *ibidem*, 141).

O reforço com dois *nãos* consecutivos não é muito raro: "*Talvez aquela chuva lavasse a estátua. Não, não lavava.*" (Viana Moog, *ob. cit.*, 161). "*Não, não suporto — afirmou o velho rindo.*" (Idem, *ibidem*, 133). "*Não, não gosto de negros.*" (Idem, *ibidem*, 136). "*Não, não tem nada pra empenhar.*" (Dionélio Machado, *Os Ratos*, 4).

E lá uma vez ou outra se topa, mesmo, a construção peculiar aos mineiros: "*Ah, não conheço não.* Pensei que fosse parente dos Sousas do Rincão." (Viana Moog, *ob. cit.*, 128).

E para encerrar estas linhas, desejo fazer referência a um monossílabo prestidivino, simpático, expressivo, económico e insubstituível, proferido diariamente por milhares de bocas: o gauchíssimo *tá!* E como é contagioso! Quem o ouve uma vez, não o dispensa mais. Ele substitui, com vantagem, o *pois não*, o *está certo*, o *de acordo*, o *não há dúvida*, o *perfeitamente*, o *O. K.* tão do gesto dos norte-americanófilos, e — que sei eu mais! O *tá!* entra nos diálogos de rua, invade os escritórios, penetra nas lojas, nas conversações íntimas dos namorados...

"— Encontrar-nos-emos então..." — "Às oito da noite, na Praça da Alfândega."

"— Tá!"

"— Não pode ser mais barato?" — "Impossível! O senhor sabe: a inflação..."

"— Então mande-me vinte dúzias, com urgência, sim?" — "Tá!"

"— Senhorita, quanto paga esta carta?"

"— Acreta?" — "Sim." — "Dois e oitenta."

"— Tá! Obrigada."

"— Hoje não é possível; só domingo."

"— Então domingo, ao meio-dia, tá?"

"— Tá!"

Por esta rápida exposição, em que procurei focalizar alguns modismos peculiares à linguagem popular de Minas e do Rio Grande do Sul, verificamos que, apesar de variados, não são muito profundos os acidentes lingüísticos que caracterizam essas duas grandes regiões, como também se me afigura não serem de grande vulto as divergências que as estremam do resto do país. Assim, parece que mais bem avisados andariam nossos doutores da língua se — ao invés de traçarem linhas divisórias em torno de

cada trato de terra onde se manifestam algumas dezenas de variações prosódicas, que as divergências sintáticas, escritas, são mínimas — procurassem arrasar esses acidentes lingüísticos por meio de um trabalho direto, sistemático, pertinaz, desde os estabelecimentos de ensino primário até às escolas superiores, no sentido de nivelar, tanto quanto possível, o linguajar do centro, o do norte e o do sul.

E' certo não possuímos um padrão ortoépico uniforme a todo o Brasil. Mas, por que não estabelecer esse "padrão médio" de que fala Gonçalves Viana, tomando por base a fala dos meios cultos?

Segundo João Ribeiro e Antenor Nascentes, esse padrão se encontra na Capital da República, a qual cumpriria fornecer a norma ortoépica. A meu ver, entretanto, a pronúncia carioca se afasta, em muitos pontos, da boa prosódia brasileira. Basta apontar dois fatos:

1.º — O grupo *io*, em cuja pronúncia o carioca incide no mesmo vício que o gaúcho e quiça o paulistano. No Rio, como aqui, se diz *tiu*, *esguia*, *pavia* (tio, esgulo, pavio), rimando com *riu*, *dormia*, *sais*. Entretanto, todos os compêndios e gramáticas da língua são acordes no reconhecer que, nesse caso, o grupo *io* constitui *hiato* e não *ditongo*.

2.º — O *s*, que, segundo o próprio Nascentes, tem, ali, diante de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v*, som parecido com o do *j*: de sorte que os vocábulos *desboçar*, *desde*, *desgar-*

rar, *desfejuar*, *desleal*, *esmiuçar*, *desnatar*, *desregrado*, *desvão* — no Rio de Janeiro se pronunciam: *desboçar*, *desde*, *desleal*, *esmiuçar*, etc. E diante de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x*, tem som parecido com o do *s*; donde: *escama* (escama), *exfera* (esterra), *esperar* (esperar), *exquálido* (esquálido), *extado* (estado), *dezadrezar* (desxadrezar), etc. (Cf. Nascentes, *O Idioma Nacional*, I, 39).

O nordeste culto, por outro lado, também padece de seus achaques prosódicos. Ora é a vogal *e*, que aparece com som fechado onde geralmente soa aberto: *dêve*, *parêce*; ora é um *r* gutural, áspero, estranho à prosódia regular do Brasil: *esperriteza*, *perrnambucano*, etc. E outros de vária natureza.

Assim, esse "padrão médio", salvo melhor juízo, poderia conseguir-se tomando a cada região lexicográfica aquilo que é melhor, de mais brasileiro efa pudesse oferecer para a consecução desse desiderato. A Minas Gerais, em cujas camadas cultas supponho residir a mais brasileira de nossas pronúncias, caberia contribuir com apreciável contingente fonético, depois de modificados, ó bem de ver, certos exageros indígenas como em *encarregar*, *embarcar*, *exclamação*, *perigo*, *teatro*, *voltar*, etc., que, como já tive oportunidade de salientar, pronunciamos, sem preocupação ortoépica, *incarregar*, *imbarcar*, *isclamação*, *pirigo*, *tiatro*, *voltiar*.

O trabalho poderá ser árduo, tremendo; mas é realizável.

